

CRUZANDO FRONTEIRAS: AS PESQUISAS REGIONAIS E A HISTÓRIA OPERÁRIA BRASILEIRA

Silvia Regina Ferraz Petersen

Este trabalho foi apresentado no Seminário “Vinte Anos do Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP” (agosto de 1994). Nele procurei fazer uma contribuição que decorre do ângulo de onde observo a produção acadêmica sobre a história dos trabalhadores brasileiros e que é um ângulo fora do eixo Rio-São Paulo.

Meu trabalho parte da hipótese de que a história operária brasileira poderia alcançar um outro patamar analítico se houvesse a articulação dos resultados das pesquisas regionais (entenda-se por regional, muito simplesmente, a história construída nos limites dos estados da federação)

As observações não são específicas para uma determinada temática, período ou região, mas para efeitos deste texto fiz a seguinte delimitação:

- Vou me referir ao tema do anarquismo na Primeira República em algumas de suas manifestações mais evidentes, como greves, congressos, imprensa e lideranças por razões de ordem eminentemente práticas: sobre este tema já existe uma razoável produção de pesquisas, representada por livros, artigos, dissertações e teses publicadas ou não. No entanto as pesquisas regionais que envolvem os chamados novos temas e perspectivas analíticas da história dos trabalhadores que surgiram desde o final dos anos 80, também podem ser pensados no mesmo sentido. Seria o caso da história social do trabalho, da vida cotidiana, das mentalidades, para citar alguns.

- Exemplificarei com o caso regional que conheço melhor, o do Rio Grande do Sul, observando que este procedimento poderia ser estendido a outras regiões do Brasil que estavam se industrializando no começo do século.

- Vou me limitar ao âmbito da pesquisa acadêmica, embora exista

Silvia Regina Ferraz Petersen é professora do Departamento de História e do PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

uma vasta produção extra-acadêmica que pode cumprir um importante papel nesta intenção de pensar a história dos trabalhadores pela via da articulação de estudos regionais.

A exposição está dividida em duas partes: na primeira procurarei recuperar a trajetória “geográfica” dos estudos da história operária brasileira e na segunda exemplificar concretamente algumas vias temáticas que emergem de pesquisas regionais, - no caso sobre o RGS - e que poderiam ampliar a compreensão da história operária brasileira.

A pesquisa acadêmica sobre a história operária brasileira se originou em São Paulo e no Rio de Janeiro e não é preciso explicar as razões deste fato.

No entanto, houve uma tendência dos autores estenderem ao “Brasil” o que na verdade correspondeu ao centro do país. Em outras palavras, o que era também um estudo regional (embora indubitavelmente da região política e economicamente hegemônica) ganhou uma dimensão nacional ou global. Rio de Janeiro e São Paulo foram constituídos como “centros definidores de sentido” para a história operária do Brasil

Leôncio M. Rodrigues, no seu clássico trabalho *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil* analisa este tema na indústria paulista, justificado pela inexistência de informações referentes a outros centros e pela facilidade de acesso à documentação paulista. Observa na revisão bibliográfica que

(...) com exceção do trabalho de Juarez Brandão Lopes, que pesquisou duas cidades de Minas, todos os demais referem-se quase exclusivamente ao proletariado paulista, de modo que praticamente nada temos sobre o de outras áreas que estão se industrializando. (S. Paulo, DIFEL, 1966, p.16)

Sheldom Leslie Maram, em *Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro 1890-1920*, resume em algumas linhas as razões da centralidade de São Paulo e Rio de Janeiro:

Baseei minha análise nas três cidades que eram os centros da indústria, do comércio e do sindicalismo: Rio de Janeiro, S. Paulo e Santos. Excluímos o Nordeste por não ter ele vivido uma experiência significativa de sindicalização embora tenham ali ocorrido greves notáveis. Também o Rio Grande do Sul, palco de uma organização operária de características semelhantes às do sindicalismo no Rio de Janeiro e S. Paulo, foi excluído. Achava-se que a compreensão geral das diretrizes e do desenvolvimento dos primeiros movimentos operários prescinde de informações sobre aquele estado sulino. Além disso, o destino

último do movimento foi determinado no Rio e em São Paulo, e não no Rio Grande do Sul. (R. de Janeiro, paz e terra, 1979, p.11).

O trabalho de Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall tem também o título abrangente *A classe operária no Brasil - Documentos. 1889-1930* e apesar da ressalva que fazem na p.18 da Introdução "(...) afinal, o levantamento ficou mais paulista e carioca do que pretendíamos, pois tivemos acesso a poucos documentos fora de S. Paulo e Rio de Janeiro", na verdade é integralmente voltado para São Paulo e Rio de Janeiro. (S. Paulo, Alfa Ômega, 1979)

Maria Nazareth Ferreira, em *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)* dedica escassas três páginas para listar jornais publicados fora do eixo Rio-São Paulo, sem qualquer comentário a seu respeito (Petrópolis, Vozes, 1978). Na segunda edição, no entanto, amplia esta relação com jornais de outras regiões (S. Paulo, Ática, 1988).

O trabalho de Edgar Carone *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)* em suas 578 páginas dedica 4 ao Rio Grande do Sul, 3 a Pernambuco, 2 ao Maranhão, e 1, respectivamente, ao Paraná, Ceará e Bahia. (S. Paulo, DIFEL, 1979).

Finalmente, para não alongar os exemplos, na pioneira *Bibliografia sobre trabalhadores e sindicatos* de Leôncio M. Rodrigues e Fabio Munhoz publicada nos “Estudos CEBRAP” n. 7, de 1974, há um único título indicativo de um estudo fora do eixo Rio-São Paulo (“Operários e sociedade industrial na Bahia” de Inaiá M. Moreira de Carvalho, UFB, 1971).

Uma notável exceção nesta produção acadêmica é o livro *História da indústria e do trabalho no Brasil* (Francisco Foot e Victor Leonardi), de 1982, que tem um capítulo intitulado “Expressões regionais do movimento operário brasileiro: o proletariado nas regiões norte, nordeste, sul e interior do sudeste”. Ainda incorpora, ao longo de outros capítulos, referências a estes casos, com importantes observações sobre o Rio Grande do Sul. (S. Paulo, Global, 1982)

É interessante observar que ao lado de trabalhos que estendem ao Brasil as conclusões extraídas de pesquisas sobre Rio e São Paulo, há outros que abordam estes centros como estudos de caso.

Dentre estes, cito: Paula Beiguelman *Companheiros de S. Paulo*; M. Cecília B. Neves *Greve dos sapateiros de 1906 no R. de Janeiro*; Ingrid Sarti *Estiva e política no porto de Santos*; Silvia Magnani *O movimento anarquista em S. Paulo (1907-1917)*; M. Alice Rosa Ribeiro *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista*; Michael Hall *Imigração e classe operária em S. Paulo*, Yara Khoury *Greves de 1917 em S. Paulo*; Francisco Foot-Hardmann *Classes subalternas e cultura* (S.

Paulo, 1889-1922); M. Vargas e M. Lima *Teatro operário em S. Paulo (anarquista)*; Eulalia M. L. Lobo *Rio de Janeiro operário*.

Mas esta questão de tomar a parte pelo todo paradoxalmente tem sua contrapartida nos estudos tem por objeto casos fora do eixo Rio - São Paulo.

Assim, as pesquisas acadêmicas sobre o movimento operário no Rio Grande do Sul, que aparecem nos anos 70, também tiveram por horizonte o que aconteceu no centro do país, tomado como padrão. Há uma preocupação correta em buscar referências nas regiões política e economicamente hegemônicas, mas estes trabalhos tiveram via de regra o viés de fazer aproximações na ausência de investigações mais precisas, de transferir explicações para suprir lacunas na investigação local.

Por parte dos próprios autores locais, certas tentativas de incorporação das contribuições ou características de fatos e situações fora do "centro" são formas inconscientes de reafirmar a dominação e as exclusões. Nestes casos, o regional é incorporado reafirmando seu status de periferia e inferioridade.

Tal perspectiva foi particularmente empobrecedora da história local; os trabalhos regionais ficaram muito condicionados por modelos externos. Encontramos trabalhos que pretendiam escrever a história dos trabalhadores ao nível regional, mas após breves considerações teóricas limitavam-se praticamente a descobrir no estudo local os "equivalentes" à história dos trabalhadores de São Paulo. Assumiram assim uma visão estereotipada do nacional, ignoraram a identidade local e realizaram análises genéricas com escasso valor para entender matizes regionais.

Eu mesmo, quando escrevi minha dissertação de mestrado *El proletariado urbano en Rio Grande do Sul -1888-1919* (UNAM, México, 1977), tive como inspiradores decididamente assumidos os trabalhos de Boris Fausto (*Trabalho urbano e conflito social*) e de Paulo S. Pinheiro (*Política e trabalho no Brasil*).

É claro que toda esta produção bibliográfica, - tanto a do centro do país como de fora dele - está "datada" pelas condições de sua emergência, seu caráter pioneiro e as dificuldades materiais de transcender seu próprio local como objeto de pesquisa devido à falta de uma produção sobre esta temática melhor distribuída regionalmente (ou pelo menos naquelas regiões onde o processo de industrialização teve algum significado na primeira república).

Cabe lembrar que os cursos de pós-graduação (a partir dos quais, como costuma ocorrer, a qualidade e o volume da pesquisa se amplia) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por exemplo, datam de 1972

(Mestrado em Sociologia) e 1986 (História) e 1982 na PUCRS (História).

Atualmente, no entanto, o desenvolvimento da pesquisa da história dos trabalhadores que possuímos regionalmente parece desfazer qualquer possibilidade de entendê-la através de um paradigma singular, baseado na situação específica de uma região e excludente da diversidade. Um paradigma unitário com base restrita não passa de um "efeito de poder" em face à incontestável heterogeneidade da sociedade brasileira.

Se é verdade que o crescimento econômico e social pode ser impulsionado por um eixo específico (setor industrial, região ou categorias específicas), o entendimento do processo não se dá a partir da análise exclusiva deste eixo.

A desigual conformação do desenvolvimento industrial nas diferentes regiões do país, sua desigual relação com o setor agro-exportador e com as oligarquias de base rural detentoras do poder político, por exemplo, abrem diferentes possibilidades para a análise do movimento operário no Brasil.

Assim estender ao Brasil os resultados de um estudo regional baseado nos casos Rio ou São Paulo tem escasso valor para o entendimento dos matizes regionais. A prática da história regional pode conduzir mais longe, pode servir para destruir concepções gerais que parecem definitivas e que foram incorporadas a tantos livros, artigos e conferências.

Por outro lado, em vários aspectos, parece não ser possível conceber a história operária como uma "história regional", pois há processos e acontecimentos que, circunscritos à dimensão regional, não conseguem ser significados pelos pesquisadores. Neste caso, a interrelação de estudos regionais pode trazer uma melhor compreensão do peso relativo dos mesmos.¹

Não se entenda que estou propondo que se tirem conclusões generalizantes a partir de temas corretamente restritos ao regional. Há objetos de pesquisa que impõem, efetivamente, a opção pelo trabalho com dimensões regionais, monográfico, verticalizado.

É importante observar que os trabalhos mais recentes (desde o final dos anos 80) via de regra já não são suscetíveis desta crítica sobre a confusão entre o regional e o nacional. Talvez isto se deva em alguma medida aos seus próprios objetos de análise, que implicam dimensões mais centradas em processos de disciplinamento, práticas e representações, que são melhor apreendidos em análises micro orientadas, que acabam coincidindo com alguma forma de "regionalização" do objeto. Mas também seria interessante pensar que resultados analíticos poderiam ser obtidos de uma abordagem que procurasse apanhar estes estudos de caso numa dimensão que transcendesse o próprio caso.

De qualquer forma, quero explorar as virtualidades do caminho que cruza a fronteira dos estudos regionais, tanto para perceber a *especificidade* destes casos no sentido do próprio estabelecimento de diferenças, como para fazer aparecer *processos mais globais* cuja percepção se dilui nas análises simplesmente regionais, questões que tomadas no âmbito regional perdem seu possível significado.

Quando me refiro a processos mais globais, não significa buscar uma identidade unitária, pensar na articulação dos estudos regionais como forma de perseguir alguma forma de homogeneização, mas de descobrir vínculos múltiplos e perdidos que podem enriquecer o perfil de atores e processos sociais já tão descaracterizados na memória historiográfica. Creio que esta perspectiva enriqueceria substancialmente a compreensão de alguns processos ou circunstâncias, iluminando de modo distinto o que foi produzido e talvez contribuindo de alguma forma para entender as complicadas relações do particular com o geral, do regional com o nacional.

Por exemplo, no primeiro caso, o da *especificidade*, a presença do positivismo na estrutura do estado gaúcho certamente trouxe características específicas para a relação entre o estado e os trabalhadores; no segundo caso, o dos *processos mais globais*, ainda não foram completamente avaliados os elementos traumáticos de determinadas experiências sociais, como por exemplo as perseguições e a dura repressão policial desencadeada depois da greve de 1917, quando boa parte da militância anarquista, em virtude dela, aprendeu a viver na clandestinidade.

Neste trabalho, vou concentrar atenção apenas no segundo caso, o dos cruzamentos inter ou trans-regionais.

Referindo-se ao sindicalismo na virada do século, Hobsbawn afirma que ele possuía uma *atitude* (conjugando hostilidade ao presente e a crença no futuro), uma *técnica* (a militância, preferencialmente espontânea, em lugar do funcionário), uma *estratégia* (greves sucessivas até a greve geral revolucionária), uma *esperança* (o sindicato como embrião e modelo para organização do mundo social vindouro). Havia um mosaico associativo onde floresciam salões para representação teatral, cantos, conferências doutrinárias, escolas para adultos e crianças sob a orientação pedagógica da corrente racionalista de Francisco Ferrer. Instituições voltadas para a resistência econômica diária, a ajuda mútua e, principalmente para a denúncia e o combate à ideologia capitalista, à cultura dominante. Treinamento para o futuro e prefiguração da sociedade alternativa, elas implicavam um tipo humano que era, ao mesmo tempo, agitador, pedagogo, jornalista, dramaturgo, profeta, animador cultural.

Se levamos às últimas conseqüências as observações de Hobsbawn

sobre a riqueza e vitalidade contida nestas atitudes e práticas dos trabalhadores, parece que ainda podemos aprofundar qualitativamente a investigação de sua história se nos voltarmos para o conteúdo dos estudos regionais.

Existem inúmeros indícios provenientes destas pesquisas de que o movimento operário, em várias de suas dimensões, literalmente atravessava as fronteiras estaduais.

Assim congressos, movimentos de solidariedade e causas comuns, como denúncias e reivindicações, nutriam-se de *estímulos locais* provenientes de diferentes pontos do país, Outras circunstâncias, tais como as perseguições e deportações ou a própria dinâmica da vida daqueles personagens que eram um misto de agitadores-pedagogos-animadores culturais ou ainda as características profissionais de algumas categorias, determinam uma *intensa mobilidade destes sujeitos sociais através de diferentes locais do país*.

Finalmente, - para não alongar exemplos - ainda é possível constatar que alguns aspectos da cultura operária podem ganhar um peso relativo diferente do que decorre de uma análise fragmentada: é o caso da própria importância concedida a imprensa, que provavelmente será redimensionada quando pudermos recompor a *rede de sua circulação pelo país*.

Apesar dos exemplos, não sei se existem trabalhos com o objetivo de perseguir os efeitos destes movimentos e intersecções. Tais estudos, quem sabe, retomariam algumas concepções sobre a história do movimento operário brasileiro, relativizando o peso de alguns centros e redefinindo o significado de alguns processos.

Atualmente já existe uma considerável produção bibliográfica regional além da produzida sobre Rio de Janeiro e São Paulo, permitindo que se inicie este tipo de estudo.

Principalmente devido à difusão e desenvolvimento dos programas de pós-graduação, criação de "centros de pesquisa e documentação" ao nível dos estados e publicação de obras de referência, podemos encontrar uma vasta produção acadêmica voltada para os estudos regionais, não só sobre São Paulo e Rio de Janeiro, mas também Minas Gerais (lembro os trabalhos de Silvia Andrade *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924)*, Eliana de Freitas Dutra *Caminhos operários em Minas Gerais*, Regina Horta Duarte *A imagem rebelde* e Heloisa H.P. Cardoso *Disciplina e controle no espaço fabril: o trabalhador têxtil em Minas Gerais*), Paraná (os trabalhos de Alcina de Lara Cardoso e Sílvia Pereira de Araújo, dentre os quais *1. de maio: cem anos de solida-*

riedade e luta) Sta. Catarina, RGS, Pernambuco, para citar alguns centros.²

Apesar disto, não tem havido um cruzamento dos resultados destas pesquisas. Minha exposição objetiva exatamente sensibilizar os pesquisadores para esta lacuna.

A seguir pretendo exemplificar com algumas temáticas que penso poderiam ser retomadas a partir de estudos regionais. Quero no entanto antecede-las com estas observações:

1) Não vou considerar as relações internacionais, principalmente com o Uruguai e Argentina, que poderiam somar no mesmo sentido, mas que alongariam o que deve ser uma pequena exposição.

2) Deixo de lado as possibilidades dos estudos comparativos, que também se colocam a partir destes trabalhos (e que poderiam contribuir para a revisão de alguns estereótipos construídos em referência ao modelo do centro do país) e tratarei especificamente de alguns temas que ganhariam mais densidade explicativa pela via de uma análise extensiva, inter-regional.

3) As informações que apresento são apenas *exemplos* de temas passíveis de uma abordagem inter-regional. Resultam de pesquisa em umas *poucas fontes*, não tendo qualquer intenção de ser um “inventário”. O único propósito é mostrar como estes temas, que aparecem parcialmente nas pesquisas regionais, poderiam ser significados de modo diferente pelo historiador desde que este se coloque numa perspectiva inter-regional de análise.

Ainda que meu objetivo seja examinar numa perspectiva inter-regional alguns temas que emergem de pesquisas sobre o Rio Grande do Sul, quero fazer o contraponto com uma fonte de outra procedência, para mostrar que é possível estabelecer estes laços inter-regionais.

Neste sentido, escolhi o jornal *A Voz do Trabalhador* (cuja consulta está facilitada pela edição fac-similar dos exemplares de 1909-1915, promovida pelo Arquivo Leuenroth).

A riqueza do material regional aí publicado me pareceu suficiente para exemplificar estas relações que desejo recuperar na história dos trabalhadores brasileiros.

O jornal era o porta-voz da Confederação Operária Brasileira e conforme suas próprias palavras

(...) *é o laço de união entre todas as organizações sindicalistas do Brasil. É a tribuna comum de todos os trabalhadores do país. Por ela os operários de cada localidade põe-se a par do que se passa nas loca-*

lidades mais longínquas. Do Rio Grande do Sul ao Amazonas, do Rio a Mato Grosso, a Voz do Trabalhador se espalha levando, de rincão em rincão, o seu protesto, a sua solidariedade, o seu conselho e a sua experiência, irmanando, pelo protesto, pela solidariedade, pelo conselho e pela experiência, todos os que, de leste a oeste, de norte a sul, se sentem vítimas do capitalismo voraz e se esforçam por da tutela deste emancipar-se. (A Voz do Trabalhador. Rio de Janeiro, 1-6-1914. p. 1)

No jornal há inúmeras referências breves ou extremamente detalhadas sobre greves, associações e federações regionais, comemorações do 1. de maio, correspondência entre os leitores, participação nos congressos operários da COB, jornais recebidos, excursões de propaganda, denúncias etc., notícias estas provenientes do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, Amazonas, Acre, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Certamente uma leitura mais ampla da produção historiográfica regional apontaria inúmeras outras manifestações das relações inter-regionais entre os vários centros do movimento operário no Brasil.

Eis então alguns exemplos do que estou procurando demonstrar:

A MOBILIDADE DA MÃO DE OBRA

Deixando de lado a questão do operário imigrante na Primeira República, sobre o qual há um maior número de estudos, quero explorar um pouco a questão da *migração da mão de obra dentro do Brasil*, seja ou não imigrante na sua origem. Dou alguns exemplos, extraídos da dissertação de Adhemar Lourenço da Silva Jr. *Povo! Trabalhadores! Tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917)*, CPG em História, UFRGS, 1994, p.40,48,57,65,99:

Os marmoristas, iniciadores da greve geral de 1906 em P. Alegre, acabaram “embarcando para o Rio de Janeiro em busca de trabalho” inconformados com a jornada de nove horas, quando sua reivindicação era de oito.

Em 1-07-1907 o jornal anarquista *A Luta* de P. Alegre, noticiando a greve geral de S. Paulo, adverte seus leitores de que estavam sendo recrutados “fura-greves” para substituir os paulistas grevistas:

Informou-nos o Sr. Eduardo Hasslocher, agente de crumiros nesta capital, que de Rio Grande já seguiram 45 indivíduos para substituírem grevistas paulistanos e que também desta Capital irá uma meia dúzia, cujo embarque deverá ser por estes dias.

Acrescentou o Sr. Hasslocher ter recomendação de não aceitar crumiros italianos.

Em vista desta informações e com a intenção de prevenir o operariado de S. Paulo, passamos à redação da Battaglia o seguinte telegrama: Battaglia - Sampaulo - Rio Grande 45 crumiros e daqui alguns seguirão. A Luta

Um outro exemplo é o caso dos calceteiros, uma categoria que se tornou muito representativa no movimento anarquista. A profissão de calceteiro não era comum em Porto Alegre e por ocasião do Plano Geral de Melhoramentos, em 1915 e 1916, a Empresa de Calçamento encarregada da obra de pavimentação da cidade empenhou-se em trazer esses trabalhadores de outras cidades. Pelo menos no Rio de Janeiro havia agentes seus contratando trabalhadores para as obras de melhoramentos urbanos de Porto Alegre.

Observa o Autor que é surpreendente verificar que a migração dos trabalhadores em pedra é um fenômeno muito comum. É impossível acreditar que essa atividade fosse exercida por trabalhadores de pouca qualificação, visto que há uma rede de obtenção de mão de obra que extrapola o município ou as regiões próximas. O mesmo trabalhador exerce o mesmo ofício continuamente, ainda que para isso tenha que se transladar de uma cidade para outra.

Os calceteiros realizaram uma série de greves em Porto Alegre. No processo contra os grevistas de 1916, consta que o português Delfino Moreira dos Santos, que há 11 anos trabalhava como calceteiro em diversas cidades do Brasil, havia vindo do Rio "com o fim de empregar-se no calçamento desta cidade (Porto Alegre), o que logo conseguiu". Daniel Quintas era um dos que, desgostoso após a greve, tencionava ir para Buenos Aires. Severino Gomes, há quatro anos no Brasil, já havia trabalhado em Santos, São Paulo e Rio Negro (Paraná) antes de vir para P. Alegre.

No noticiário da imprensa local consta que estes trabalhadores eram portugueses e espanhóis anarquistas fugidos à ação das polícias da Espanha, Argentina, Pernambuco, Bahia, Rio e S. Paulo o que, independente da veracidade da afirmação, revela o deslocamento de trabalhadores deste ofício.

A partir dos diversos exemplos, se pode indagar o que poderia ter significado a mobilidade de trabalhadores, especialmente de algumas categorias/ofícios experimentavam por vários centros urbanos dentro e fora do Estado.

Esta circulação pode apontar, por exemplo para o estabelecimento de fortes laços comunitários entre estes trabalhadores aqui chegados

sem relações, sem dinheiro e com minguidos salários.

Pode ajudar a entender também diferentes manifestações de solidariedade entre eles: assim, em relação aos presos desta greve, solicitou-se o apoio de entidades co-irmãs para as custas judiciais. O pedido foi atendido por trabalhadores de pequenas cidades do interior do RGS (Garibaldi e C. Barbosa) e pelo Sindicato dos Canteiros do Rio de Janeiro e Santos.

A MOBILIDADE DOS MILITANTES

Os fragmentos biográficos de líderes anarquistas que aparecem nos estudos regionais enfatizam geralmente as circunstâncias locais de suas histórias de vida, mas revelam, - mesmo residualmente - que eles viveram por longos períodos em outros estados ou mesmo no exterior. As implicações deste fato constituem um outro campo que não foi pesquisado. Suas trajetórias de militantes poderiam ser aprofundadas a partir dos estudos regionais, o que provavelmente ajudaria a compor um perfil mais nítido destes líderes, das próprias contradições que freqüentemente são constatadas em suas trajetórias públicas, das redes de relações que construíram entre si, das influências que exerceram e a que estiveram submetidos.

Assim, por exemplo, cito o caso do anarquista HENRIQUE MARTINS que nasceu em Lajeado (RS) em 1888. Foi signatário do manifesto de fundação do Partido Operário Rio Grandense, socialista, em 1905. Em 1906 compareceu na despedida dos vinte marmoristas grevistas que partiam de Porto Alegre para o Rio de Janeiro em busca de trabalho depois de sua derrota na greve pela jornada de 8 horas. Tipógrafo e líder de sua categoria, foi fundador do Sindicato dos Tipógrafos em Porto Alegre (1907) e em 1911 presidente da União Tipográfica. Em função de seus desentendimentos com os socialistas de Porto Alegre, foi processado por calúnia e condenado à prisão, fugindo em 1912 para o Rio de Janeiro onde adotou o pseudônimo Cecílio Vilar, com o qual ficou conhecido. Segundo Astrogildo Pereira, de quem foi por dois anos companheiro no jornal *A Guerra Social*, foi um dos militantes mais ativos e prestigiosos quando de sua estada no Rio de Janeiro. Ali tomou parte ativa no 4. Congresso Operário no sentido de impedir que Mario Hermes transformasse várias associações proletárias em instrumento político.

Destacou-se na reorganização da COB, a qual representou em inúmeros comícios e outros atos e como editor e redator do *A Voz do Traba-*

lhador, ao lado de João Leuenroth e Rozendo Santos, aí publicando muitos artigos de análise da situação do trabalhador em vários pontos do país, denúncias e crítica social.

Regressando ao RGS depois do Congresso de 1913, continuou escrevendo para o jornal a coluna *Cartas rio-grandenses* sendo também eleito secretário geral da Federação Operária do RGS em 1914.

Fundou os grupos anarquistas “Solidariedade” em P. Alegre e “Jovens Libertários” no RJ; em 1916, trabalhava no jornal de P. Alegre “O Exemplo” e integrou a Liga de Defesa Popular que liderou as greves deste ano. No ano seguinte, foi professor da Escola Moderna e salientou-se por sua participação na greve de 1917. Morreu em 1918 vítima da gripe espanhola.

FLORENTINO DE CARVALHO, (1871-1947), pseudônimo de Primitivo Raimundo Soares, era espanhol e veio menino para o Brasil. Ingressou na Força Pública de São Paulo, mas depois de ler Kropotkin tornou-se anarquista e foi para Santos trabalhar nas docas. Em seguida tornou-se tipógrafo e aí começou sua longa carreira de organizador e propagandista do anarquismo. Entre outras atividades, fundou escolas modernas em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Argentina.

Seu trabalho de divulgação doutrinária foi extremamente dinâmico em função das perseguições policiais que obrigavam sua permanente mobilidade. Em 1911 fundou *A Revolta*, em Santos e em 1913 *La Rebelión*, em São Paulo. No mesmo ano aparece no Rio dirigindo *A Rebelião* e denunciando o congresso de Hermes da Fonseca. Retornou a São Paulo onde lançou o *Germinal* ao lado de Gigi Damiani, retornando no ano seguinte, 1914, a Santos onde relança *A Rebelião*. No mesmo ano, *A Voz do Trabalhador* publicou seu artigo *Sobre a necessidade do ensino racional*. Foi preso em 1921. Possivelmente deportado para o Rio Grande do Sul, ali editou o livro *Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social* (P. Alegre, Renascença, 1927 241 p.). Reaparece em 1927 como secretário geral da FORGS no 4. Congresso Operário do Rio Grande do Sul e foi redator do *O Sindicalista* em 1928.

GIOVANI ROSSI nasceu em Pisa, em 1860. Agrônomo e jornalista anarquista, influenciado pela leitura de Fourier, arregimentou em Milão imigrantes para fundar em 1890, no Paraná, em área concedida por D. Pedro II, a colônia anarquista Cecília. Desagregando-se a colônia em 1894, o Dr. Rossi, como ficou conhecido, veio para P. Alegre, onde parece ter influído, com outro companheiro da colônia, Gigi (Luigi) Damiani, na difusão do anarquismo, fundando o “Grupo dos Homens Livres” e o jornal *A Luta*. Na capital gaúcha abriu em 1895 um consultório veterinário,

mas quando ainda na Cecília, Rossi havia recebido convites para trabalhos no interior do RGS. Decide-se então por Taquari, onde foi contratado para lente da Escola Agrícola. Ali continuou seu trabalho de doutrinador, sendo responsável pela formação política de vários militantes no RGS, Sta. Catarina e Paraná. Em 1905 foi nomeado diretor da Estação Agrícola de Santa Catarina. Em 1906 o encontramos participando do 1. Congresso Operário Nacional no Rio de Janeiro, do qual resultou a fundação da COB. Regressou mais tarde a Itália, onde fundou uma cooperativa na Liguria.

GIGI DAMIANI nasceu em 1876, em Roma. Veio com Rossi para o Paraná e após a dissolução da Colônia Cecília parece ter feito o mesmo roteiro do companheiro, participando em Porto Alegre das primeiras organizações anarquistas. De Porto Alegre foi para Caxias, RS, onde ensina o anarquismo aos colonos e escreve na imprensa, tornando-se um ótimo jornalista. Em 1903, já está no Paraná, ajudando a organizar grupos e jornais anarquistas, escrevendo contra a lei de expulsão de estrangeiros e atacando os poderosos na imprensa diária. Em 1904 era redator de *O Despertar* de Curitiba. Perseguido por suas idéias, por volta de 1908 chegou a São Paulo, onde aprendeu o ofício de pintor, passando então a viver dos cenários que pintava nos teatros. Sempre envolvido no jornalismo libertário e militante muito ativo, participou em greves e foi fundador ou colaborador de vários jornais: ainda em Curitiba, já colaborava com *La Battaglia* de São Paulo (1904); também aparece como redator do *La Barricata* (1912-1913), continuando no jornal que o substitui, *La Barricata-Germinal*, onde trabalhou com Florentino de Carvalho. Estes três jornais, entre 1904 e 1913, publicaram 407 números e tinham, para os padrões de um jornal operário da época, uma grande circulação nacional. Foi um dos mais destacados organizadores da greve de 1917 em São Paulo e, perseguido como um animal raivoso, foi preso defendendo do empastelamento os arquivos do jornal *A Plebe*, que ajudara a fundar em 1917. Em 1919 foi expulso do Brasil como perigosíssimo ladrão e delinqüente. Na Itália, continua se correspondendo com os companheiros no Brasil e além de peças de teatro, escreveu em 1920 o folheto *O país para onde não se deve imigrar. A questão social no Brasil*. Colaborou com Malatesta no jornal *Umanità Nuova* e a partir de 1926 perambula pela França, Bélgica, Espanha e Tunísia, sempre junto aos movimentos de trabalhadores. Morreu em 1953.

NENO MARTINS (1893-1926) era irmão do citado Henrique. Gráfico e jornalista anarquista gaúcho, procurava organizar greves nos grandes jornais em que se empregava, como o *O Diário* e o *Ultima Hora*, não se intimidando com ameaças patronais: há referências que em certa ocasião tentara agredir o chefe a faca. Também há referências de que usava

o empastelamento como forma de sabotagem dos jornais. Foi processado em 1918 e deportado por Borges de Medeiros em 1919. Preso em São Paulo em 1925, morreu na Clevelândia em 1926.

ZENON DE ALMEIDA foi o pseudônimo do gaúcho Zenon Budaszewski (1892-1940). Sapateiro, marinheiro, mineiro, químico, fabricante de balas, perfumes e doces, o encontramos em 1913 no Rio de Janeiro participando das atividades da Federação Operária e da fundação do Grupo Dramático Cultura Social, cujas promoções são noticiadas várias vezes no *A Voz do Trabalhador*. Neste grupo atuava Astrojildo Pereira como “contra-regra” nas representações dramáticas. Zenon de Almeida escrevia peças de teatro social, como as comédias *Pacatos* e *Amores em Cristo*.

Também escreveu inúmeros artigos no *A Voz do Trabalhador* e representou a COB em algumas oportunidades.

Em 1913 fundou em Pelotas, com Santos Barbosa, o “Grupo de Teatro e Cultura Social”. Em 1914 fez uma excursão de propaganda e aparece dissertando sobre o ensino racionalista no Ateneu Sindicalista Pelotense, RS. No mesmo ano, há referências de que a FORGS editou seu trabalho *O Evangelho da Organização* e suas peças de teatro social.

Em 1916 leciona na Escola Moderna, ao lado de Cecílio Vilar. Sua experiência como detonador de dinamite quando mineiro o habilitou para preparar as bombas usadas na greve de 1917 em Porto Alegre contra a Brigada, desmanchando bananas de dinamite vindas da região carbonífera do estado no laboratório do médico porto alegreense Reinaldo Frederico Geyer. Em 1921 o encontramos junto com Otávio Brandão, ambos desafiados para debater os princípios anarquistas com os integrantes do “Grupo Clarté”. Também nesse ano suas peças eram encenadas para os operários no “Grupo Dramático Teatro Social” do Rio de Janeiro. No fim da vida aderiu ao PCB.

A sessão “Bilhetes e Recados” do *A Voz do Trabalhador* é também muito interessante para estabelecer cruzamentos entre vários líderes que se correspondiam.

Seguir a trajetória destes personagens através do Brasil certamente traria à luz conexões ainda não examinadas entre diferentes núcleos do movimento operário.

A REDE DOS CONGRESSOS ANARQUISTAS

A participação de entidades operárias gaúchas, principalmente da Federação Operária do Rio Grande do Sul, nos Congressos da COB pode exemplificar algumas das circunstâncias da influência dos movi-

mentos regionais nas diretrizes gerais da principal entidade operária.

Em 1906 realizou-se no Rio de Janeiro o 1. Congresso Operário Brasileiro, quando foi criada a COB, de orientação anarquista. As associações gaúchas não compareceram, mas a União Operária enviou ofício de adesão e solidariedade.

A FORGS só foi fundada no ano seguinte e se tornaria não só a mais importante entidade gaúcha, mas referência para os anarquistas de todo o país, já que teve duração ininterrupta até 1927 existindo de modo intermitente até 1935.

Assim, em 1912, quando a FORGS já constituía a principal entidade dos anarquistas do RGS, uma comissão de seus delegados, a pedido de seus companheiros do Rio de Janeiro se fez presente para denunciar o 4. Congresso Operário promovido sob os auspícios de Hermes da Fonseca e teve sucesso. A participação dos gaúchos está registrada no *A Voz do Trabalhador* de 15-7-1913.

Em 1913 a FORGS e suas federadas participaram ativamente do 2. congresso da COB (no qual participaram 350 associações brasileiras e 114 delegados e representantes do Uruguai e Argentina). A FORGS foi a única Federação estadual a comparecer. A presença majoritária da delegação gaúcha e a atuação dos já citados Cecílio Vilar e Zenon de Almeida fizeram com que várias moções apresentadas pela FORGS fossem aprovadas sem nenhuma modificação, indicando que muitas diretrizes gerais que passaram a vigorar no movimento operário já eram adotados numa Federação regional (por exemplo, contra a criação de secções sindicais, contra uma organização semelhante a da FORA argentina).

No período de 1913 a 1916, a FORGS participou ativamente do movimento operário nacional, enviando seus representantes aos congressos promovidos pela COB e unindo-se às manifestações nacionais antibelicistas, contra a expulsão de estrangeiros (a lei de expulsão foi aprovada em 1913) e contra a carestia.

Com relação à preocupação com a paz mundial, cabe indicar a participação dos delegados da FORGS nos vários congressos que se realizaram no Rio de Janeiro em 1915: Congresso Anarquista Nacional em abril na sede da COB; Congresso Internacional pela Paz, de 14 a 16 de outubro, também convocado pela COB e Congresso Anarquista Sul-Americano, de 18 a 20 de outubro na sede da COB. Estes congressos contaram com delegações das mais importantes associações operárias nacionais e delegados da Argentina, Uruguai, Portugal e Espanha.

Na década de 20 a FORGS aderiu a A. I. T., herdeira da I Internacional, sendo talvez a única federação brasileira nesta condição, pois o

movimento operário sofria uma dura repressão principalmente no Rio e São Paulo

Apesar das dificuldades que enfrentavam os anarquistas em todo o Brasil, em 1927 foi realizado em Pelotas o 4. Congresso Operário do RGS.

O relato desse congresso foi feito por Domingos Passos, que havia sido deportado de São Paulo para o Oiapoque, de onde fugiu para participar do mesmo. É sua a avaliação de que “o sindicalismo continuava vigoroso naquela região sulina, menos atacada pela repressão do governo bernardista.” Além dos grupos locais, se fizeram representar os “Trabalhadores de S. Paulo”, “Sindicato dos Canteiros de Santos”, “Liga Operária Internacional de Poços de Caldas”, “Federação da C. T. do Pará”, “Grupo Libertário de S. Paulo” e “Grupo de Propaganda Social do Pará”

A importância deste congresso é que enquanto o PCB criava a Confederação Geral do Trabalho, a Federação Operária do RGS recebia de entidades operárias do Rio e São Paulo as bases para a reorganização da C. O. B e do jornal *A Voz do Trabalhador*.

Já era notável o declínio do anarco-sindicalismo no Brasil e o Rio Grande do Sul aparece como seu último e já enfraquecido reduto:

Numa avaliação indireta de sua performance na luta, os comunistas creditavam aos anarquistas apenas algumas sobras do movimento sindical: ‘Somente restam em suas mãos a Federação Operária de Porto Alegre (...) e alguns esqueletos de sindicatos da construção civil e do calçado em S. Paulo e no Rio. Nada mais. Somando tudo, encontraremos, apenas, uns 2.000 trabalhadores (...)’ (TRONCA, Italo. A Revolução de 30: a dominação oculta. S. Paulo, Brasiliense, 1984. p. 33-4)

Um indicativo de que o RGS continuava como o principal baluarte anarquista é que o jornal de S. Paulo, *A Plebe*, em 1928 chegou a pensar em transferir sua edição para P. Alegre.

A IMPRENSA OPERÁRIA

Uma análise da circulação dos jornais operários, de sua rede de colaboradores, das matérias que publicam sobre diferentes locais também poderia ser substancialmente retomada a partir de estudos regionais e creio que seria muito esclarecedora para estabelecer o peso relativo da imprensa operária junto aos seus leitores, para perceber a construção e a propagação de alguns discursos hegemônicos e para acompanhar as nuances regionais de processos nacionais como a conjuntura das greves de 1917.

Observa-se que a rede de colaboradores e correspondentes dos jornais anarquistas parece ter sido densa e participante em jornais de diferentes pontos do país. Não se deve esquecer, neste sentido, o peso da própria mobilidade dos propagandistas-jornalistas que circulavam de um centro para outro.

Verifica-se também que era intensa a circulação dos jornais operários, mesmo considerando seu caráter efêmero e de pequena tiragem: além dos próprios assinantes, os jornais eram enviados às redações dos “coirmãos”, às associações operárias e a outras entidades não necessariamente operárias como bibliotecas públicas, clubes recreativos e musicais, etc.

Somente para dar um exemplo, consultando uns poucos exemplares do jornal anarquista porto-alegrense *A Luta* (anos 1906-1908), pude observar que era constante o oferecimento de assinaturas dos jornais *A Terra Livre* e *Il Libertário* de S. Paulo e *Novo Rumo* e *O Veículo*, do Rio de Janeiro. Além disso, a redação do jornal recebia e colocava para leitura dos interessados os seguintes: *O Operário*, *La Venta* e *Nova Era* (MG), *La Battaglia*, *O Chapeleiro* e *Luta Proletária* e *Aurora Social* (SP); *O Marmorista*, *Brasil Revuo Esperantista* e *O Baluarte* (RJ); *O Combate* (PR); *Primeiro de Maio* (CE) e *Gazeta Operária* (AL).

É sintomático o oferecimento que *A Luta* faz em seu número de 8-3-1908: “As pessoas que quiserem adquirir qualquer obra, assinatura de qualquer revista ou jornal do movimento de qualquer parte do mundo, podem faze-lo por nosso intermédio, que encarregaremos de manda-los vir isentos de qualquer comissão”. Cabe apontar que antecedendo esta notícia são divulgados os seguintes jornais anarquistas do exterior: Uruguai: *Tribuna Libertária*, *La Emancipación*, *En Marcha*; Argentina: *La Protesta*, *L’Agitatore*, *El Obrero Grafico*, *Pensamiento Nuevo*, *La Aurora del Marino*; Peru: *El Hambriento*, *El Oprimido*, *Los Parias*; Espanha: *Tierra y Libertad*, *Salud y Fuerza*, *El Porvenir del Obrero*, *Boletín de la Escuela Moderna*; Itália: *Il Pensiero*; *La Vita Operaria*; *La Pace*; França: *Les Temps Nouveaux*, *L’Anarchiste*; *Régénération*, *La Voix du Peuple*, *Le Libéraire*, *Socia Revuo*; Alemanha: *Revolutionar*, *Direkto Aktion*; Inglaterra: *Freedom*, *Freie Regeneration*; Estados Unidos: *Volné* e *Listy* (em checo).

Nestes mesmos números, o jornal publicou várias vezes a coluna “Pelo Brasil” e noticiou amplamente em 1907 a greve geral pela jornada de 8 horas em S. Paulo.

Outro indicativo da circulação da imprensa anarquista é que a remota colônia ucraniana em Erebangó, Erexim, RGS nos anos 20 recebia

não só jornais libertários russos da Argentina, Canadá e Estados Unidos como os nacionais do Rio de Janeiro e S. Paulo *A Voz do Trabalhador, A Plebe, Ação Direta, O Libertário, O Dealbor* e o *Protesto*.

A Voz do Trabalhador, publicado no Rio de Janeiro e porta-voz da COB, também é abundante em seu noticiário sobre o RGS, (P. Alegre, Pelotas, Rio Grande, P. Fundo, Bagé, Santana do Livramento, Santa Maria, Caxias, Montenegro, D. Pedrito, Jaguarão). De 1914 até o último número o jornal manteve as únicas colunas periódicas sobre o movimento operário fora do Rio de Janeiro nas mãos dos sindicalistas de Pelotas e de Porto Alegre. No último número parece que se tentou criar também uma coluna sobre São Paulo, denominada "Da Paulicéia proletária".

Há referências de que *O Sindicalista*, órgão da FORGS, chegava ao deportados para Clevelândia, no Oiapoque, via Belém do Pará.

Espero ter podido demonstrar que a história dos trabalhadores brasileiros terá ganhos expressivos com o desenvolvimento de pesquisas inter-regionais. Existe, no entanto no mínimo um problema para desenvolver esta via de trabalho: grande parte do que se pesquisou regionalmente permanece inédito, como as teses, dissertações e monografias, com sua divulgação restrita a congressos ou periódicos acadêmicos de circulação limitada. E é uma dificuldade quase invencível superar este primeiro obstáculo para qualquer propósito de pesquisa interregional.

Assim, gostaria de finalizar com uma sugestão de que instituições como o arquivo Edgar Leuenroth, o Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, de Porto Alegre e outras instituições similares mobilizassem sua experiência no sentido de inventariar e arquivar esta produção regional até agora dispersa, de forma que também se torne uma referência para os pesquisadores que desejarem desenvolver esta perspectiva da história dos trabalhadores brasileiros.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1- Esta observação já foi feita para o Rio de Janeiro por Angela de Castro Gomes em "Rio de Janeiro, novas perspectivas de análise: a formação da classe trabalhadora/ A questão da industrialização" (*Cadernos de Resumo do XIV Simpósio Nacional da ANPUH/ 1987*, p. 107)

Explicando sua proposta de analisar a produção acadêmica mais recente sobre industrialização e classe trabalhadora, salienta que "(...)esta coloca sob análise outras regiões do país, enriquecendo a reflexão com a possibi-

lidade da diversidade e da comparação. A contribuição dos estudos nesta área que envolve o Rio de Janeiro e que são objeto de nossa proposta é já significativa e importante, além de reveladora de novas óticas para se tratar de temas já tão discutidos. Apenas para exemplificar, no caso dos estudos sobre a classe trabalhadora há toda uma produção que envolve o traçado de condições de vida e trabalho da população urbana do Rio. seus valores e tradições, além de uma rediscussão das diversas correntes encontradas no sindicalismo carioca. No caso da industrialização, as preocupações mais recentes tem-se voltado para a especificidade do processo fluminense, de forma a distingui-lo do paulista, com isso atribuindo um peso menor às relações café-indústria como elemento exemplificativo da perda de dinamismo da economia do Rio de Janeiro".

Ver também: GOMES, Ângela de Castro e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Industrialização e classe trabalhadora no Rio de Janeiro: novas perspectivas de análise*. Rio de Janeiro, FGV, 1988.

2. RELAÇÃO INDICIÁRIA DE ALGUNS TRABALHOS REGIONAIS SOBRE HISTÓRIA DOS TRABALHADORES ATÉ A DÉCADA DE 40 (EXCLUINDO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO)

Esta relação não tem qualquer pretensão de um levantamento exaustivo destes trabalhos e visa apenas demonstrar que, mesmo em um levantamento rápido e assistemático, muitos títulos já podem ser identificados.

* *PESQUISAS EM ANDAMENTO (DOCENTES/DISCENTES)* Conforme o "Levantamento de Pós-Graduação em História/ANPUH" (parcial), abril de 1994

FONTES, José Raimundo. *Movimento operário na Bahia(1930-1964)*. Tese dout. USP. Orientador: Dr. Osvaldo Luis Angel Coggiola.

LIMA, Josely Tostes. *O movimento anarquista visto por seus escritores*. Diss. maestr. PUCSP.

SOUSA, Lysia Bucar Lopes de. *Formação do mercado de trabalho no Piauí do século XX*. Tese dout. USP. Orientador: Wilson do Nascimento Barbosa

* *TRABALHOS APRESENTADOS EM SIMPÓSIOS DA ANPUH (1973,1987,1993)*

PELLIZETTI, Beatriz. Fontes primárias para a história de Santa Catarina. Os papéis do fundador da Colônia Cecília no arquivo de Ermembergo Pellizatti (1873-1947). *Anais de VI Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*. S. Paulo, 1973, V.III.

ALEIXO, Lucia Helena. *Disciplina e controle: o trabalhador de Mato Grosso(1890-1930)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

ARAVANIS, Evangelia. *Utopia e História. A utopia libertária em Porto Alegre (1906-1911)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Sindicatos e corporativismo em Minas Gerais: 1930-1939*. XIV Simpósio Nacional da ANPUH, Brasília, 19 a 24 de julho de 1987.

BEHAR, Regina Maria R. e GONÇALVES, Regina Célia. *Atividades pré-industriais na Paraíba: o mundo do artesanato têxtil*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

CORDEIRO Jr., Raimundo Barroso *Legião Cearense de Trabalho: uma utopia de sociedade integral*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

FORTES, Alexandre. *A greve dos padeiros de Porto Alegre, (1933-1934)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

HOFFNAGEL, Marc Jay. *Trabalho e cidadania. Os artesãos de Recife (1850-1880)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

MARTINS, Ana Luiza. *Montando um "quebra-cabeças": periódicos no Brasil (1800-1930)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

MORAIS, Laura e CZESNAT, Ligia de Oliveira. *Memória do sindicato dos trabalhadores da Indústria de Energia e Eletricidade de Florianópolis*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

MUELLER, Helena Isabel. *Imigração e utopia - Mundo Velho sem porteira. (Colônia Cecília)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

PEDRO, Joana Maria e CZESNAT, Ligia de Oliveira. *História do trabalho em Santa Catarina*. XIV Simpósio Nacional da ANPUH, Brasília, 19 a 24 de julho de 1987.

SÁ, Ariane Norma de Menezes. *A formação do mercado de trabalho livre na Paraíba (1850-1888)*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

SALETTTO, Nara. *Trabalhadores nacionais, libertos e imigrantes na formação do mercado de trabalho no Espírito Santo*. XIV Simpósio Nacional da ANPUH, Brasília, 19 a 24 de julho de 1987.

SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. *Para além da imprensa operária doutrinária: mobilizações populares e grande imprensa. P. Alegre, 1917-1919*. XVII Simpósio Nacional da ANPUH. S. Paulo, 18-23 julho 1993.

*** TRABALHOS APRESENTADOS NO ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ NÚCLEO SÃO PAULO, UNICAMP, 1994.**

COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Trabalhadores urbanos em Manaus na virada do século*.

MAGALHÃES, Marionilde Dias B. de. *Para além do Novo Mundo: algumas utopias socialistas pré-marxianas. (Joinville, S. Catarina)*.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarti. *Tradições, aspirações e conspirações: os trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1920)*.

*** TRABALHO APRESENTADO NO V ENCONTRO da ADHILAC, S. PAULO (1990)**

MOURÃO, Leila. *História da indústria e do trabalho na Amazônia Brasileira*.

*** PESQUISAS EM ANDAMENTO EM 1983** (Apresentadas no Seminário sobre Industrialização e Classe Operária na UNICAMP, nov. 1983)

Fontes para a história da industrialização no NE. Mauro Pinheiro Kouri, UFPb. Núcleo de documentação e informação histórica regional.

Associações de Classe em Minas Gerais(1891-1950) M. Auxiliadora Faria. UFMG.

A industrialização de Minas Gerais 1890-1950. Mitiko Okasaki Kehdy. Processo de industrialização no Rio Grande do Sul(1889-1945) Sandra

Pesavento.

Fontes para a história de Minas. UFMG, Depto de História. M. Ifigênia Lage de Resende.

***TRABALHOS ISOLADOS (INÉDITOS ?):**

ROSITO, Renata Irene Haas. *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais, PUCRS, 1972

DANTAS, J. I. C. *Notícia da imprensa operária sergipana (1891-1935)*. Aracaju, 1974.

FARIA, M. Auxiliadora e GROSSI, Yone de Souza. *Classe operária em Belo Horizonte (1897-1920)*. Trabalho apresentado no VI Seminário de Estudos Mineiros.

PETERSEN, Silvia R. F. *El proletariado urbano en Rio Grande do Sul (1888-1919)*. Dissertação de Mestrado. México. UNAM, 1977.

LENSKY, Tatiana. *Porto Alegre, 1917: a manifestação operária*. S. Leopoldo, UNISINOS, 1980.

RUBIN, Albino. *Luta de classes e meios de produção simbólica. Bahia, 1917-1921*. 1980.

_____. *Movimentos sociais e meios de comunicação. Paraíba, 1917-1921*. João Pessoa, DAC/UFPb, 1980.

REIS, M. de Lourdes Flores Soares e MASCARELLO, Sonia Nara. *Contribuição ao estudo do operariado brasileiro - 1889-1937 (destacando S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (1889-1937))*. Monografia apresentada no Mestrado em História da PUCRS, 1981.

*** TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO e BACHARELADO (UFRGS)**

LUCAS, Maria Elizabeth. *A Federação Operária do Rio Grande do Sul e o movimento operário gaúcho no período 1931-1935*. Monografia de conclusão do Curso de Bacharelado em História. 1978.

- MOURE, Telmo. *O operariado do Rio Grande do Sul e o estado*. Monografia de conclusão do Curso de Bacharelado em História. 1979.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. *A greve dos ferroviários em outubro de 1917: um momento de conflito na república velha gaúcha*. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul. 1980.
- THADDEU, Vera Lucia Trommer. *Transcrição de notícias compiladas no Correio do Povo no período de 1920-1923 sobre a organização e as greves do operariado rio-grandense*. Monografia de conclusão do Curso de Bacharelado em História. 1981.
- LEONHARDT, Elise Maria. *O movimento operário no Rio Grande do Sul no período 1920-1923. As atitudes da burguesia e do estado diante das greves*. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul. 1983.
- VIOLA, Solon Eduardo Annes. *Considerações sobre o movimento operário no início da década de 20*. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul. 1983.
- TABORDA, Ana Rachel Vernet. *A ótica da grande imprensa na greve de 1917 em Porto Alegre*. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul. 1985.

* **DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (UFRGS)**

- SILVA, Lorena Holzmann. *Mulher e trabalho: estrutura ocupacional feminina no RGS (1920-1970)*. Mestrado em Sociologia, 1977.
- MACHADO, Carmen Lucia Bezerra. *O movimento operário e sindical no Rio Grande do Sul de 1930 a 1937*. Mestrado em Sociologia, 1983.
- ARRUDA, Arlete Aparecida Hildebrando de. *Centro Operário: primeira organização de trabalhadores de Lages, Estado de Santa Catarina (comportamento político de trabalhadores)*. Mestrado em Ciência Política, 1983.
- CORREA, Norma Elizabeth Pereira. *Os libertários e a educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)*. Mestrado em Educação, 1987.
- AGNES, Silvia Clara. *A questão do geral e do específico na historiografia latino-americana: análise do processo de constituição da mão de obra industrial em Pelotas/Rio Grande e Cidade do México*. Mestrado em História, 1990.
- HARRES, Marluza. *Ferrovários: disciplinarização e trabalho. V. F. R. G. S. (1920-1942)*. Mestrado em História, 1992.
- FALCÃO, Luiz Felipe. *Visões de trabalho: dobraduras. A noção de trabalho no discurso das lideranças republicanas, 1880-1890*. Mestrado em História, 1992.
- SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. *Povo! Trabalhadores! tumultos e movimento operário (estudo centrado em P. Alegre, 1917.)* Mestrado em História, 1994.

* **DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (PUCRS)**

- KLIEMANN, Luiza Helena Schmitz. *A ferrovia gaúcha e as diretrizes de ordem e progresso*. 1977.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Charqueadas, frigoríficos e criadores. Um estudo sobre a República Velha Gaúcha*. 1978.
- REICHEL, Heloísa Jochims. *A indústria têxtil no Rio Grande do Sul. 1910-1930*. 1978.
- LAZZAROTTO, Valentim Ângelo. *Pobres construtores de riqueza. (Análise da absorção de mão de obra e expansão industrial na Metalúrgica Abramo Eberle, 1905-1970)*. 1981.
- BORGES, Stella Maris. *Italianos em Porto Alegre e o movimento operário (1875-1919)*. 1990.
- JARDIM, Jorge Luiz Pastoriza. *Comunicação e militância: a imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*. 1990.
- BOUCINHA, Claudio Antunes. *A história das charqueadas de Bagé (1891-1940) na literatura*. 1993.
- MACHADO, Maria Conceição Abel Missel. *Submissão e poder: mulheres operárias de Caxias do Sul, 1900-1950*. 1993.

* **DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (UNICAMP)**

- MORAIS, Antonio Paulo de. *A classe operária em Pernambuco. Cooptação e resistência (1900-1922)*. 1982.
- ANDRADE, Silvia Maria Belfort Vilela. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924)*. 1984.
- LANNA, Ana Lucia Duarte. *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira*. 1985.
- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Tramas e fios: a fábrica têxtil em Minas Gerais*. 1987.
- DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde. A trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. 1988.
- CASTRO, Maria Ines Malta. *O preço do progresso. A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1914)*. 1993.
- FONTES, Edilza Joana de O. *O pão nosso de cada dia. Um estudo sobre padeiros e forneiros em Belém do Pará nos anos 1940 a 1954*. 1993.
- FORTES, Alexandre. *Buscando nossos direitos... Trabalhadores e organização sindical na Porto Alegre de 1933 a 1937*. 1994.

* **DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (USP)**

- ROSA, Lea Brígida Rocha de Alvarenga. *Companhia Estrada de Ferro de Vitória a Minas - 1890-1940*. 1976.
- DIAS, José Roberto de Souza. *A E. F. Porto Alegre a Uruguaiana e a formação da rede de viação férrea do Rio Grande do Sul. Uma contribuição ao estudo dos transportes no Brasil meridional - 1866-1920*. 1982.

- DAYRELL, Eliane Garcindo. *O PCB-GO: 1936-1948*. 1984.
- BOSSLE, Ondina Pereira. *A industrialização de Santa Catarina: um estudo de História Econômica regional (1880-1945)*. 1985.
- HERING, Maria Luiza Renaux. *A industrialização no vale do Itajaí - 1880-1945 (contribuição ao estudo do modelo de desenvolvimento)*. 1985.
- KROETS, Lando Rogério. *As estradas de ferro no Paraná*. 1985.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. 1985.

* **DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (UFSC)**

- TENÁRIO, Douglas Apratto. *As ferrovias em Alagoas*. 1977.
- ALMEIDA, Rufino Porfírio. *Um aspecto da economia de Santa Catarina: a indústria ervateira - O estudo da Cia. Industrial*. 1979.
- COLOMBI, Luiz Vendelino. *Industrialização em Blumenau. O desenvolvimento da Gerbruder Hering, 1880 a 1915*. 1979.
- JUCÁ, Gisafra Nazareno Mota. *A implantação de serviços urbanos no Recife: o caso da Companhia do Beberibe (1838-1912)*. 1979.
- MARTINS, Valmir. *A contribuição do imigrante para o desenvolvimento das relações capitalistas de produção no sul do estado de Santa Catarina*. 1979.
- PEDRO, Joana Maria. *O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina. Uma resposta ao mercado local (1900-1950)*. 1979.
- RUIZ, Maria Alzira Alves. *Cooperativismo - Um caminho para o desenvolvimento: Cooperativa Santanense de Lós Ltda. (1914-1964)*. 1982.
- SAUL, Marcos Vinícios de Almeida. *Classe operária e sindicalismo em Novo Hamburgo (1945-1964)*. 1982.
- BARROS FILHO, Geraldo. *Crescimento urbano, marginalidade e criminalidade: o caso do Recife (1880-1940)*. 1985.
- DIAS, Maria de Fatima Sabino. *Sindicalismo em estado corporativista: o caso do Sindicato dos Trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem de Blumenau (1941-1950)*. 1985.
- GUTLER, Antonio Carlos. *A colonização do Saí (1842/1844). Esperança de falansterianos/ expectativa de um Governo*. 1994.

* **DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (UFPR)**

- KROETZ, Lando Rogério. *As estradas de ferro de Santa Catarina (1910-1960)*. 1976.
- VANNUCHI, Maria Ivone B. *A indústria de papel no Paraná (1890-1970)*. 1977.
- CARON, Lucrecia de Araújo. *Indústria de beneficiamento da erva-mate no estado do Paraná (1890-1970)*. 1978.
- NEVES, Hugo Alberto Pereira. *A importância do porto de Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul (1890-1930)*. 1980.
- HEIDEMANN, Eugênia E. *O carvão em Santa Catarina (1918-1954)*. 1981.

- CUNHA, Anacilia Carneiro da. *O homem papel. Análise histórica do trabalhador das Industrias Klabin do Paraná de Celulose S. A. - 1942-1980*. 1982.
- ALGUNS TRABALHOS PUBLICADOS:(excluindo o RGS)
- SOUZA, Newton S. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1970.
- CARDOSO, Heloísa. *Disciplina e controle fabril: o trabalhador têxtil de Minas Gerais*.
- CARDOSO, Alcina de L. e ARAÚJO, Silvia Pereira de. *1. de Maio: cem anos de solidariedade e lutas (1886-1986)*. Curitiba, Beija Flor, 1986.
- ANDRADE, Silvia. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924)*. Juiz de Fora, Ed. da Univ Fed. de Juiz de Fora, 1987.
- CARDOSO, Alcina de L. e Araújo, Silvia Pereira de. *Trabalhadores da imprensa operária paranaense entre 1890 e 1935*. Cadernos de Jornalismo e Editoração, S, Paulo, (22),1988.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos operários em Minas Gerais*. S. Paulo, HUCITEC, 1988.
- DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde. A trajetória libertária de Avelino Foscolo*. Campinas, UNICAMP/Pontes, 1991.

Para a relação dos trabalhos publicados sobre a história dos trabalhadores no Rio Grande do Sul (até 1992) vejam-se as seguintes **OBRAS DE REFERÊNCIA:**

- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *O movimento operário brasileiro: bibliografia (2a. parte)*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. P. Alegre, (9):175-200. 1981.
- MADURO, Acácia Maria Ramires et al. *Guia preliminar de fontes para o processo de industrialização do Rio Grande do Sul: 1889-1945*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1986.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul: 1874-1940*. Porto Alegre, UFRGS, 1989.
- CATTANI, Antônio David. *A ação coletiva dos trabalhadores*. P. Alegre, SMC/ Palmarinca, 1991.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho - 1870-1937*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1992.